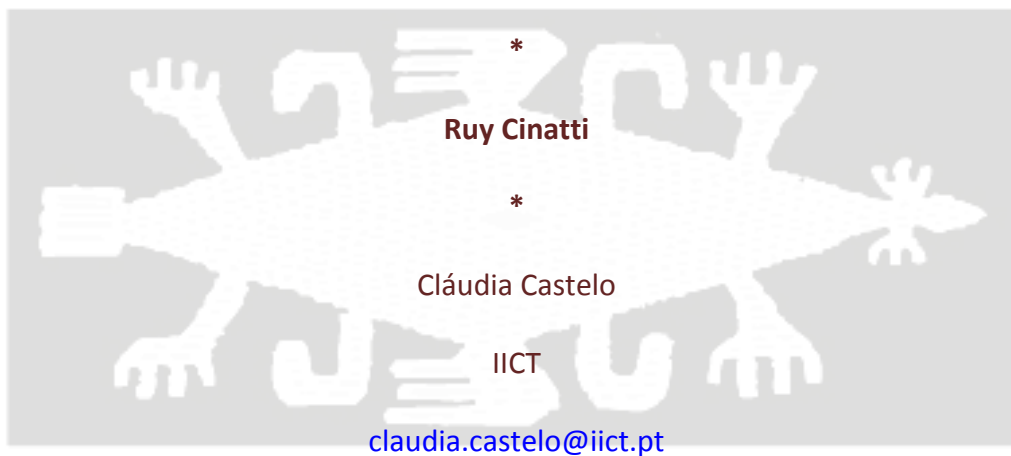




HISTORY AND ANTHROPOLOGY OF PORTUGUESE TIMOR

ONLINE DICTIONARY OF BIOGRAPHIES



You are welcome to cite this biography, but **please reference it appropriately** – for instance in the following form:

Cláudia Castelo, “Ruy Cinatti”, in Ricardo Roque (org.), *History and Anthropology of “Portuguese Timor”, 1850-1975. An Online Dictionary of Biographies*, available at <http://www.historyanthropologytimor.org/> (downloaded on [date of access])

Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes (n. Londres, 8 de Março de 1915 - m. Lisboa, 12 de Outubro de 1986), engenheiro-agrónomo e etnólogo, é sobretudo conhecido como poeta. Profundamente imbuído de um sentimento religioso, auto-definiu-se como “católico poeta” (Stilwell, 1995: 69).



Ruy Cinatti em Timor. Fonte: Espólio de Ruy Cinatti na Biblioteca Universitária João Paulo II, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: http://www.snpcultura.org/fotografias/ruy_cinatti/23.jpg

Foi aluno interno dos Pupilos do Exército e do Colégio Nun'Álvares, e fez o curso complementar no Liceu Passos Manuel. Em 1934, matriculou-se no curso de Engenheiro Agrónomo no Instituto Superior de Agronomia, concluindo-o em 1942. Além das cadeiras do seu curso, fez todas as cadeiras do curso de Engenheiro Silvicultor, excepto Hidráulica Florestal. A partir do 2.º ano do curso, foi membro activo das Conferências de S. Vicente de Paulo e da Juventude Universitária Católica.

A sua primeira ocupação profissional foi como meteorologista da Pan-American Airways (1942-1945). O fascínio pelo ultramar, datável da sua participação no I Cruzeiro de Férias às Colónias (1935), levou-o a ambicionar uma carreira nas terras distantes do Império Português (cf. Stilwell, 1995: 33). Depois de contactos infrutíferos com o ministro das Colónias, Marcelo Caetano, para integrar uma expedição a Timor, foi convidado para secretário e chefe de gabinete do recém-nomeado governador do território, capitão Óscar Ruas (1946-1947). Paralelamente ao exercício do cargo, em deslocações pela ilha procedeu à recolha de amostras de madeira e exemplares de herbário, que foi enviando para instituições científicas da metrópole. De regresso a Lisboa, conseguiu um subsídio da Junta de Investigações Coloniais para executar trabalhos de gabinete referentes aos materiais colectados e elaborar um inventário dos recursos económicos da ilha (1949-1950). Em 1950 apresentou o seu relatório de final de curso no Instituto Superior de Agronomia, com o título *Reconhecimento em*

Timor. Nesse ano, a Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais publicou três trabalhos seus: *Esboço histórico do sândalo no Timor Português*, *Explorações botânicas em Timor*; e *Reconhecimento preliminar das formações florestais no Timor Português*. Voltou a esta província como chefe da Repartição de Agricultura, Veterinária e Indústria Animal (1951-1955). Nesse período, manteve a actividade de colector subsidiado da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar (JIU) e viajou por todo o território timorense com Mendes Correia, presidente da Junta, e António de Almeida, que dirigia a primeira campanha da Missão Antropológica de Timor (1953). A excursão pelo interior despertou-lhe o interesse pela pré-história de Timor. Em 1957 deu-se a sua entrada para a JIU, ficando “adstrito à Comissão Executiva na qualidade de informador imediato sobre assuntos de Agronomia e Silvicultura, Antropologia e História, nomeadamente de Timor e do Sueste Asiático”¹. No entanto, desde cedo estabeleceu ligação ao Centro de Estudos de Antropologia Cultural. Em Outubro-Novembro de 1958 esteve em Timor como chefe da Missão de Estudos do Habitat Nativo, criada no âmbito da JIU, e que também integrava os arquitectos Leopoldo de Almeida e Sousa Mendes. Na qualidade de “adstrito à Comissão Executiva”, desempenhou os cargos de vogal do Conselho Cultural do Museu de Etnologia (1965-1975), vogal da JIU na Fundação Vale Flor e na Junta Nacional de Educação (Secção de Arqueologia), membro da Comissão Central Orientadora da Investigação Científica para Cabora Bassa (Etnologia e Botânica). Na sequência da reestruturação da Junta de 6 de Novembro de 1973, foi investigador e consultor de assuntos relativos ao Sudeste Asiático, especialmente Timor, no Museu de Etnologia. Aquando da reclassificação do pessoal da Junta, passou a investigador auxiliar do Museu de Etnologia. Aposentou-se em 1985, quando atingiu o limite de idade.

Graças a uma bolsa da JIU diplomou-se em Antropologia Geral e Social na Universidade de Oxford (1958), continuando depois os seus estudos com vista à obtenção do grau de B. Litt. (Bacharel em Literatura) Começou a trabalhar para a apresentação de uma tese, com o título provisório “The Ecology, History and Material

¹ Carta de Ruy Cinatti para a Comissão de Gestão da JICU, 23.7.1975. Arquivo do IICT, Proc. n.º 273, doc. 462.

Culture of Portuguese Timor, with special reference to the Native Habitat”, baseada em investigação bibliográfica. Porém, em finais de 1959, o seu tutor, T. K. Penniman, director do Pitt-Rivers Museum, transmitiu-lhe que a maneira como vinha conduzindo a sua pesquisa era de molde a considerá-la matéria de D.Phil. (Doutor em Filosofia). Em Junho de 1960 recebeu a notificação da sua aceitação como estudante de doutoramento. De Novembro de 1961 a Dezembro de 1962 permaneceu em Timor no âmbito da sua pesquisa doutoral. Em Janeiro de 1962 ‘descobriu’ três sítios de pinturas rupestres de alto valor arqueológico no contexto do Sudeste Asiático. Para essa ‘descoberta’ contribuiu decisivamente o facto de ter sido convidado a fazer um pacto de sangue com um dos líderes da região, o que imediatamente lhe abriu “portas ciosamente fechada a estranhos: aqueles sítios eram locais de adoração gentílica de grupos genealógicos”.² Nesse contexto realizou com o operador de cinema Salvador Fernandes cerca de 13 horas de filme em Timor³. Apesar de lhe terem sido concedidos sucessivos adiamentos do prazo de entrega da tese, nunca chegaria a concluí-la. No seu espólio pessoal podem encontrar-se apenas alguns capítulos.

O seu trabalho científico é multidisciplinar, compreendendo estudos de botânica, flora florestal, fitogeografia, etnologia e arqueologia. Timor foi a sua paixão e permeou a sua obra. Começou por interessar-se pela natureza mas esta conduziu-o aos homens e à sua cultura. A simpatia pelos timorenses fez com que os defendesse publicamente, denunciasse abusos, prepotências e arbitrariedades da administração colonial e desejasse contribuir para a melhoria das suas condições de vida. A aproximação aos timorenses levou-o também a desejar estudar Antropologia, como explicou em carta a um amigo: “Eu vinha de Timor, muito interessado em estudar Antropologia para fazer dela um instrumento que me permitisse intervir directamente na ordem prática, no chamado «welfare» das minhas gentes de Timor, na sua valorização como seres humanos meus irmãos. Depressa aprendi que, embora em

² Carta de Ruy Cinatti para a Comissão de Gestão da JICU, 24.7.1975. Arquivo do IICT, Proc. n.º 273, doc. 463.

³ Esses filmes, propriedade do Museu Nacional de Etnologia, encontram-se no Arquivo Nacional de Imagens em Movimento por razões de preservação. Vd. Alexandre Oliveira, *Os filmes de Ruy Cinatti sobre Timor 1961-1962*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Maio de 2003. Relatório de estágio de investigação.

última análise qualquer espécie de conhecimento seja forçado à acção, não era a sua aplicação directa que interessava a escola de Oxford”⁴.

Em 1964 visitou vários museus e instituições científicas na Suíça, Holanda, Alemanha, França e Inglaterra. Em Paris, contactou com Louis Berthe e abriu caminho à organização de uma missão antropológica a Timor financiada pelo Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e pela JIU. Em Oxford, conheceu o antropólogo britânico David Hicks, na altura aluno de doutoramento orientado por Rodney Needham, que pretendia fazer trabalho de campo em Timor português. Em Setembro de 1966 fez a sua última visita a Timor, para se encontrar com os membros da Missão Etnológica Franco-Portuguesa e com David Hicks, cujas pesquisas acarinhou e recomendou à Comissão Executiva da JIU⁵. Em 1975 pediu autorização superior para voltar a Timor para estudar outros sítios arqueológicos. Entre as razões que invocou, estavam: “o contacto com as suas «famílias» timorenses, através de pacto de sangue e o amor pelos timorenses.”⁶ Contudo, a ocupação indonésia, em Dezembro desse ano, inviabilizaria o deferimento da sua pretensão.

A produção científica de Cinatti sobre Timor no domínio das ciências antropológicas é relativamente circunscrita e tardia no seu percurso. Em termos metodológicos, a sua marca distintiva é ter sido extensiva (Hicks, 2012). Manuel Viegas Guerreiro afirmou que Cinatti se ocupou “de quase todos os aspectos da cultura: das origens, dos modos de vida, da casa, da estrutura social em mudança, dos motivos artísticos e sua integração na cultura, da índole dos Timorenses”⁷. A sua idade – na altura em que foi aceite como aluno de doutoramento em Oxford tinha já 45 anos –, problemas de saúde, o desconhecimento das línguas vernaculares de Timor, o seu temperamento dispersivo e avesso a uma disciplina rígida (cf. Hicks, 2011) podem

⁴ Cópia de carta de Ruy Cinatti para Zé [José Cutileiro], datada de 12.11.1963. Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti, Cartas Pessoais, CP/1963.

⁵ É possível surpreender o papel de Cinatti na organização da Missão Etnológica Franco-Portuguesa a Timor através da consulta do Processo 139-CW, no Arquivo do IICT. Sobre a intermediação de Cinatti com vista à entrada de David Hicks em Timor português, vd. Hicks, 2011.

⁶ Idem, *Ibidem*.

⁷ Manuel Viegas Guerreiro, “Parecer sobre a obra etnológica e antropológica de Rui Cinatti”, Paço de Arcos, 18.4.1981. Arquivo do IICT, Proc. n.º 273, vol. 5.

contribuir para explicar porque nunca chegou a fazer trabalho de campo intensivo junto de uma comunidade localizada. A sua opção pelo estudo da cultura material no doutoramento talvez não tenha sido apenas uma forma de se esquivar à pesquisa etnográfica convencional, mas também uma forma de evitar uma eventual confrontação com o sistema colonial.

Manuel Viegas Guerreiro, embora lamentando que Cinatti não se tenha aplicado a um trabalho monográfico de fundo, afirma que “Algumas de suas páginas são de antologia, como as da Pescaria de Bé-Malai [...], os belos capítulos sobre a mudança social em Timor e simbolismo das formas, este incluído nos Motivos artísticos”⁸. David Hicks também destaca o artigo saído em 1965 sobre o ritual da morte do rei em Bemalai e o livro que descreve dezenas de motivos simbólicos que aparecem nas culturas timorenses. Junta-lhes a monografia sobre as formas arquitecturais dos principais tipos de casas timorenses. Porém, nas duas monografias publicadas postumamente, com “informação sobre um largo espectro de grupos étnicos que não se encontra em mais lado nenhum” (Hicks, 2012), faltam dados sobre os contextos de recolha.

Além da sua obra escrita, há ainda a salientar as colecções científicas que recolheu em Timor: o herbário, as colecções mineralógica, zoológica e de madeiras; e a colecção etnográfica, e os 14.000 metros de filme colorido⁹.

Cinatti chegou à Antropologia pela sua capacidade de amar e respeitar a natureza e os homens e compreender a relação entre ambos. Acreditava numa ciência aplicada independente das conveniências políticas. Afirmou-se como um reputado especialista em assuntos timorenses. A sua correspondência activa e passiva dá conta

⁸ Idem, *Ibidem*.

⁹ As colecções de história natural fazem parte do património científico do Instituto de Investigação Científica Tropical (antiga Junta de Investigações do Ultramar); tal como os filmes, a colecção etnográfica pertence ao Museu Nacional de Etnologia. Esta é formada por cerca de 300 artefactos e agrupa-se em dois núcleos. O primeiro, que entrou por oferta de Cinatti (1964) e aquisição (1966), é composto por utensílios de uso doméstico, esculturas, elementos de painéis decorativos de habitações, adornos, instrumentos musicais e máscaras; o segundo, adquirido em 1981, é sobretudo constituído por indumentária (cf. Maria Alice Marques Viola, *Timor na colecção de artefactos recolhidos por Ruy Cinatti*. Lisboa: Centro de Etnologia Ultramarina, IICT, 1995. Relatório de estágio de investigação).

de uma vasta e diversificada rede de sociabilidades com escritores, intelectuais, professores, etc. portugueses e estrangeiros; e permite, entre muitos outros aspectos, aprofundar a sua faceta de facilitador de pesquisas antropológicas em Timor.

Cláudia Castelo

Maio de 2013

Bibliografia do autor (selecção de trabalhos relacionados com Antropologia de Timor português):

CINATTI, Ruy. 1962. "Contribuição para o entendimento da religião dos timorenses [I]". *A Voz de Timor*. Díli, 24 de Junho, p. 1-4.

CINATTI, Ruy. 1963. "As pinturas rupestres de Timor". *Colóquio*. Abril, p. 48-59.

CINATTI, Ruy. 1965. "A pescaria da Bé-Malai: mito e ritual". *Geographica*. Vol. 1, n.º 1, p. 33-47.

CINATTI, Ruy. 1965. "Tipos de casas timorenses e um rito de consagração". *Actas do Congresso Internacional de Etnografia*. Vol. IV. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, p. 155-179.

CINATTI, Ruy. "Alguns aspectos de mudança social no Timor português". In: *In Memoriam António Jorge Dias*, vol. 3. Lisboa, 1974. p. 95-105.

CINATTI, Ruy. 1987. *Motivos artísticos Timorenses e a sua integração*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Museu de Etnologia.

CINATTI, Ruy; OLIVEIRA, Carlos Ramos de. 1973. "A Ilha Verde e Vermelha de Timor". *Geographica: Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, IX, 36: 20-32.

CINATTI, Ruy; ALMEIDA, Leopoldo de; MENDES, Sousa. 1987. *Arquitectura Timorense*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Museu de Etnologia.

Bibliografia:

HICKS, David. 2011. *Depoimento do Professor David Hicks sobre Ruy Cinatti [Entrevista concedida a Cláudia Castelo]*. Lisboa: [s.n.], 28 de junho.

HICKS, David. 2012. "A pesquisa etnográfica no Timor Português". In: Kelly Silva e Lúcio Sousa (org.). *Ita Maun Alin... O Livro do Irmão Mais Novo: Afinidades Antropológicas em Torno de Timor Leste*. Lisboa: Colibri.

OLIVEIRA, Alexandre. 2006. *Olhares sobre Timor [Texto policopiado]: contextos e processos da antropologia de Timor*, Lisboa: Tese de mestrado em Antropologia: Patrimónios e Identidades, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa-ISCTE.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. 1987. *Timor de Ruy Cinatti*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. Museu de Etnologia.

STILWELL, Peter. 1995. *A condição humana em Ruy Cinatti*. Lisboa: Presença.

Fontes de arquivo:

Biblioteca Universitária João Paulo II, Espólio de Ruy Cinatti.

Museu Nacional de Etnologia, Espólio de Ruy Cinatti.

Arquivo do Instituto de Investigação Científica Tropical, Fundo da Comissão Executiva da Junta de Investigações do Ultramar, Processo n.º 273 – Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes, 5 vols.